

Relatos de viagem de brasileiros à URSS na Guerra Fria: por uma tipologia possível (1950-1963)

RAQUEL MUNDIM TÔRRES*

No âmbito dos estudos que abordam relatos de viagem e suas possibilidades de uso em pesquisas historiográficas, esse artigo tem como objetivo apontar uma possível tipologia para o estudo de relatos de viagem à União Soviética escrito por autores brasileiros entre as décadas de 1950 e 1960. Nesse período, foram publicados no Brasil um total de 32 relatos para um montante de 53 autores, já que muitas narrativas possuem mais de um autor. Em vista da quantidade de autores e de suas ideologias diversas, propõe-se uma tipologia que seja maleável e que permita um melhor estudo das narrativas e de suas representações. Para tal, é necessário considerar que as narrativas de viagem à URSS devem ser classificadas como relatos de caráter político, uma vez que o motivo central era conhecer o regime político socialista e sua sociedade. Esse ponto em comum das viagens faz com que as narrativas tenham similaridades em seus temas, experiências e representações.

Tendo em vista que a principal característica dos relatos estudados é o caráter político, acreditamos que a metodologia mais adequada para classificá-los seja a partir de diferenças político-ideológicas de seus autores. Tais diferenças estão, na maioria das vezes, explícitas nos relatos de comunistas, de simpatizantes ao socialismo e nos relatos de anticomunistas. Uma parte, contudo, e ao contrário do que a imagem da Guerra Fria pode nos fazer prejulgar, são narrativas de viajantes que não procuram assumir um lado, elencando tanto críticas como elogios à sociedade soviética como também à sociedade brasileira, sendo esta o parâmetro de comparação mais utilizado pelos viajantes. Esse ponto em comum das viagens faz com que as narrativas tenham diversas similaridades em seus temas, experiências e representações. Os autores de relatos à URSS buscam escrever verdadeiros guias de conhecimento de diversos aspectos da sociedade soviética, como política, economia, saúde, educação, trabalho, cultura, etc. Porém, ao contrário dos guias de viagem contemporâneos da nossa época, os viajantes da década de 1950 estavam interessados na visita a hospitais, escolas, fábricas, tribunais ou mesmo cartórios soviéticos.

Essa tipologia não tem o intuito de restringir e delimitar as possibilidades de análise de cada um dos grupos. Os limites dela são tênues e flexíveis, uma vez que ela é pautada pela ideologia transposta pelo autor, isto é, um conceito subjetivo que muitas vezes pode mudar de acordo com o ponto de vista adotado. Para essa classificação, procuramos investigar a ideologia política do autor

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da USP – Universidade de São Paulo. Pesquisa financiada pelo CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

anterior ao ato da viagem, com o intuito de observar a maneira como ela pode ter afetado (ou não) seu posicionamento ideológico. Contudo, não é sempre que os autores se posicionavam explicitamente sobre um partido político ou uma ideologia. Nos casos em que não encontramos informações suficientes para essa delimitação, analisamos as opiniões encontradas em seus próprios relatos, pois a maneira como o autor se posiciona a respeito do socialismo ou observa a sociedade soviética também pode dizer muito sobre suas convicções ideológicas existentes anteriormente à viagem. Observemos, como exemplo, a opinião de um viajante sobre a questão religiosa na URSS, sem antes saber sua classificação ideológica:

Poderia ainda relatar, por exemplo, o que nos foi dado observar em relação à questão religiosa: igrejas transformadas em casas-de-cômodos e o aspecto patético de uma missa, frequentada somente por gente idosa, uma vez que as novas gerações já sofreram completa lavagem cerebral, que lhe extirpou qualquer vestígio de espírito religioso; o ar semi-clandestino dessa mesma cerimônia de culto, numa das raras igrejas ainda em funcionamento à guisa de propaganda da “tolerância religiosa” do regime; o paradoxo da transformação do marxismo em verdadeira religião, por um processo de quase divinação de Lenine, a que se assiste, todo dia, no espetáculo das filas intermináveis, ano inteiro, dos peregrinos ao seu túmulo, onde repousa embalsamado sobre um leito como que em câmara ardente, com guardas de honra permanentes à cabeceira, em perpétuo velório [...].(COTRIM, 1962: 67)

Percebe-se que o autor não se satisfaz em apenas descrever a Igreja como um lugar vazio e cheio de idosos, mas também utilizou de sua opinião para denunciar a “lavagem cerebral” sofrida por gerações russas e criticar a imagem de uma possível “tolerância religiosa” na URSS, sendo que ele considera que para os soviéticos a única religião seria o marxismo. A partir não só do posicionamento acima, mas de diversos outros no mesmo tom que aparecem em seu relato, foi possível classificá-lo como anticomunista, mesmo que em nenhum momento John Cotrim tenha se posicionado como tal. A partir de tais critérios, traçamos quatro grupos de viajantes, cujas limitações, é bom lembrar, podem ser perenes: viajantes comunistas, viajantes anticomunistas, viajantes simpatizantes à URSS e viajantes “não definidos”, isto é, aqueles que nem mesmo em seus relatos chegam a assumir um lado na luta propagandística entre socialismo e capitalismo - o que não significa que não carreguem alguma ideologia que também os influencia em suas observações. Veremos a seguir, cada um dos grupos.

Os viajantes comunistas

Os relatos de viajantes comunistas à URSS são os mais favoráveis ao socialismo e às suas consequências na sociedade soviética. Dentre os viajantes escritores e jornalistas filiados ao PCB –

Partido Comunista do Brasil – temos: Jorge Amado, Graciliano Ramos, Zuleika Alambert, Victorio Martorelli e Caio Prado Junior. Nesse grupo, também se encontram os profissionais sindicalizados: o bancário Olympio Fernandes Mello, o marinheiro Humberto Campelo, este que viajou na mesma delegação dos operários Constantino Stoiano, Antônio Chamorro, José Pedro Pinto, João Sanches e Lázaro Moreira, também comunistas. Possivelmente seus relatos, bastante favoráveis à URSS, foram utilizados como propaganda entre o meio operário brasileiro. Todos eles foram convidados diretamente pelo Conselho Central dos Sindicatos da URSS com o intuito de assistir às comemorações do 1º de maio.

O convite para se visitar a URSS é a primeira característica comum do grupo: assim como a delegação de operários e Victorio Martorelli, que após ser um dos delegados brasileiros no IV Congresso Sindical Mundial no segundo semestre de 1957, realizado em Leipzig, na Alemanha, foi também convidado pela Central Sindical da URSS a visitar o país - com a exceção de Caio Prado Junior, que não expõe muitos detalhes da viagem -,¹ todos os outros autores informam que também viajaram a convite de algum órgão político da URSS: Zuleika Alambert, convidada pelo Comitê Antifascista; Jorge Amado, convidado pela União dos Escritores Soviéticos; Graciliano Ramos, pelo governo soviético para assistir às comemorações do 1º de maio. Ao contrário de outros viajantes que normalmente saíam do Brasil para participar de eventos em algum país próximo da URSS, para de lá receberem o convite para a visita ao país, os comunistas já saíam do Brasil com a certeza de visitar a União Soviética.

Certamente as facilidades para o desenrolar da viagem por parte do governo soviético eram maiores, uma vez que outro detalhe que os distingue é a maior duração da estadia em território russo. Todos eles permanecem na URSS por volta de um mês ou mais,² ao contrário de outros grupos que têm o tempo de duração da viagem menor do que um mês ou sequer chegam a informar o tempo de permanência no país. Por serem comunistas, é nítido observar em tais relatos uma preocupação inicial em informar o leitor sobre a maneira como irão descrever o país. Graciliano Ramos sente uma necessidade em deixar claro que ninguém lhe “encomendou a tarefa” de escrever o relato: “Os homens com quem me entendi apenas revelaram o desejo de que as minhas

¹ Apesar disso, é possível investigar a viagem de Caio Prado Junior por meio de suas cartas e de sua esposa, Helena Nioac, trocadas entre amigos e ao filho, Caio Graco. Um ano antes de sua viagem, em setembro de 1959, Caio Prado recebeu uma carta de Jacob Bazarian, que se encontrava em Moscou, afirmando que os turistas que almejavam visitar a URSS precisavam comprar um “tour” de pelo menos uma semana, mas que, uma vez na União Soviética, poderia ser arranjada a prolongação de sua estadia por uns 10 dias, com as despesas todas corridas por conta de uma organização oficial soviética, como o Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS, a Voks, etc. (PERICÁS, 2016: 171)

² Caio Prado não informa a duração de sua viagem pela União Soviética, e para a China, mas ela possivelmente ocorreu entre julho e agosto de 1960, com permanência de um mês na URSS (PERICÁS, 2016: 169).

observações ali fossem narradas honestamente, em conversas. Infelizmente não sei conversar, e na verdade observei pouco, em tempo escasso” (RAMOS, 1954:9). Martorelli, que viaja na qualidade de jornalista, busca ser mais enfático, afirmando, já no início de seu livro, que ao pisar em solo soviético se revestiu de uma “grande dose de imparcialidade” (MARTORELLI, 1958:3).

Ao contrário de Ramos e Martorelli, Jorge Amado e Zuleika Alambert deixam transparecer que seus relatos são elementos combativos à propaganda anticomunista e antissoviética, apresentando discursos bastante semelhantes. Amado, embora afirme que seu relato são “simples notas de viagem, despreziosas”, afirma logo em seguida:

Escrevi estas páginas pensando no meu povo brasileiro, sobre o qual uma imprensa reacionária e vendida ao imperialismo ianque vomita, quotidianamente, infâmias e calúnias sobre a URSS e as democracias populares. [...] Escrevendo este livro [...] pretendi colaborar para o restabelecimento da verdade e para mostrar como o trabalho construtivo da URSS e das democracias populares interessa ao mundo inteiro, é fator essencial na defesa da paz. (AMADO, 1951:9)

Com a mesma determinação, Alambert informa o objetivo de seu relato:

Mas o importante é contar o que vimos, falar da URSS, esmagar com os fatos as calúnias grosseiras do imperialismo ianque e seus porta-vozes, que mobilizam toda a odiosa máquina de propaganda para tentar inutilmente ocultar a verdade sobre a maravilhosa realidade do País Soviético, e assim enganar as massas para envolvê-las, em suas criminosas aventuras. Penso que esse é o dever de todos os que têm a ventura de visitar o grande país de Lênin e Stálin, o baluarte invencível de paz e da felicidade dos povos. (ALAMBERT, 1953:6)

Não é por acaso que Jorge Amado e Zuleika Alambert são os autores dos relatos mais propagandísticos e favoráveis à União Soviética. Ambos permanecem, em toda a narrativa, encantados com as conquistas e glórias soviéticas. Também tem caráter propagandístico o relato de Caio Prado Junior, mas de uma maneira ensaística: seu discurso é mais teórico e reflexivo. Contudo, isso não chega a desclassificá-lo como relato de viagem, uma vez que o próprio autor afirma que seu livro “não tem mais pretensões que refletir impressões e conclusões de um viajante”(PRADO JUNIOR, 1962:1). *O Mundo do Socialismo* segue, na verdade, a mesma linha do primeiro relato de viagem de Caio Prado publicado em 1934, *U.R.S.S., Um Novo Mundo*, no qual há uma ênfase na explicação teórica da organização política, econômica, social e das realizações da URSS em detrimento de uma suposta descrição das experiências do autor.

Caio Prado explicita que já viaja com a concepção formada de que o socialismo seria a evolução natural do capitalismo, esclarecendo que é plenamente consciente de sua parcialidade, o que, segundo ele, lhe dá a capacidade de evitar julgamentos de valor. Ele tenta convencer seus

leitores de que esta capacidade existe justamente porque, ao contrário de outros viajantes, ele não estava lá para julgar, e sim apenas para verificar as soluções dadas pela URSS aos problemas surgidos da revolução socialista. De maneira interessante, Caio Prado procura jogar a questão da imparcialidade para a responsabilidade do leitor, ao defender que o condicionamento do leitor *a priori* da leitura é prejudicial à compreensão do que o autor pretende dizer, chegando mesmo a solicitar: “eu pediria a esse leitor um crédito de confiança, no sentido de suspender, provisoriamente, pelo menos, qualquer juízo, e aguardar a análise que pretendo efetuar antes de tirar suas conclusões” (PRADO JUNIOR, 1962:2).

Os viajantes deste grupo parecem carregar um receio de que sua posição político-ideológica comunista pudesse desacreditar suas observações, e por isso se esforçam para demonstrar que suas impressões são válidas de se ler. Assim, indicar uma possível imparcialidade ou uma capacidade de elaborar descrições “sem julgamentos de valor” seria uma forma de compensar o fato de terem vínculo com o Partido Comunista.

Os viajantes comunistas e também os simpatizantes admiram e confiam no trabalho de seus guias, dos quais extraem as informações apresentadas em suas narrativas, sem maiores questionamentos ou desconfianças às informações recebidas. Desta maneira, é visível a impossibilidade de utilizarmos os relatos de viagem como fontes verídicas de dados e estatísticas específicas a respeito da URSS. É válido que tais viajantes escrevem em uma época contemporânea ao de historiadores – como o próprio comunista Caio Prado Junior – que se utilizavam de informações de relatos de viagem dos séculos XVII ao XIX -, como fontes verídicas para construir a história do Brasil. Não havia uma preocupação nítida em investigar quem apontava tais dados e com quais intenções, mas sim, ao menos nesses grupos, a satisfação em observar que as informações obtidas casavam-se com as expectativas construídas sobre o mundo soviético.

Embora tenham diversas características em comum, há distinções entre os relatos comunistas. O relato de Graciliano Ramos se distingue dos demais por ser uma narrativa mais crítica à URSS, com diversas desconfianças em relação à hospitalidade exacerbada oferecida pelos soviéticos. Com tom de diário pessoal, sua narrativa nos passa a impressão de um autor desconfiado, mas ao mesmo tempo esperançoso com os rumos futuros da sociedade soviética.

Diferentemente de Jorge Amado, militante fiel ao PCB e à URSS, Ramos adota uma posição de aversão ao uso da escrita como instrumento de propaganda política. Nas diversas reuniões entre escritores e líderes do PCB feitas a respeito das teses de Zhdanov, responsável pelos fundamentos do realismo socialista, Graciliano chegou a questionar “as enormidades que se queriam transformar em dogmas para escritores” (MORAES,1993:273). Não obstante, procurou preservar a sua

independência intelectual afirmando a Sinval Palmeira, membro do PCB, que se tivesse que submeter seus livros à censura, preferiria deixar de escrever. A vontade de Graciliano Ramos foi mantida, pois, após sua morte, em 1953, sua família assumiu a iniciativa de publicar seu relato, mesmo tendo o PCB decidido por vetar sua publicação (MORAES, 1993:311). Desta maneira, as impressões de Graciliano Ramos servem para mostrar que não necessariamente um relato de um comunista à URSS era encarado com bons olhos pelo partido, e que um relato comunista pode sim, em alguns momentos, trazer críticas à URSS, mesmo que de maneira implícita.

Os viajantes simpatizantes à URSS

Formado pela maioria dos autores – ao todo 28 autores para 11 relatos - esse grupo reúne os chamados simpatizantes à URSS, especialmente por conta de seus relatos serem bastante favoráveis ao que observam no cotidiano soviético. Diferentemente de comunistas como Caio Prado e Jorge Amado, os simpatizantes não estão muito preocupados em apontar o que seria a teoria socialista aplicada na prática, mas sim, descrever os pontos positivos do regime soviético na prática, especialmente aqueles que mais se destoam da realidade brasileira. Por ser o grupo mais amplo, é o mais diversificado, onde encontramos os viajantes mais jovens, como os quatro irmãos Freitas Azevedo (José Olympio, Afrânio Marciliano, Mário Augusto e Martha), com idades entre 18 e 21 anos, eram filhos de Afrânio Freitas Azevedo, político e latifundiário de Minas Gerais e admirador do socialismo. Há ainda médicos como Milton Lobato, Reinaldo Machado e Raul Ribeiro da Silva; educadores, como Branca Fialho e Paschoal Lemme, jornalistas e escritores, como José Edmar Morel, Jurema Finamour, Eneida Costa de Moraes e Josué Guimarães, este último também político, tendo sido chefe de gabinete de João Goulart na Secretaria da Justiça do Rio Grande do Sul.

Dentro do grupo de simpatizantes à URSS, adicionamos também um subgrupo, formado pelas dezesseis mulheres entrevistadas pelo departamento de Propaganda da Federação de Mulheres do Brasil, cujo trabalho pode ser encontrado no livro *Atravessando as Fronteiras da U.R.S.S. (Entrevistas)*. Embora o livro fuja do padrão e de algumas características dos relatos de viagem (é formado por entrevistas mais sucintas do que a narrativa de um relato, além de não ser diretamente escrito pelas viajantes, mas sim pela pessoa que as entrevista),³ ele foi mantido como objeto de estudo por dialogar com os temas explorados nas narrativas dos viajantes e por permitir um espaço maior para as impressões do gênero feminino, que aparecem como minoria no período estudado. A

³ A exceção é a entrevista de Nair Baptista que é montada a partir de uma seleção de trechos de capítulos de seu relato de viagem, na época ainda a ser publicado. O relato não foi encontrado. (FEDERAÇÃO DAS MULHERES DO BRASIL, 1954:130)

classificação de tais autoras como simpatizantes se deve à opinião favorável em relação à sociedade soviética e ao seu contínuo desenvolvimento em todos os depoimentos. Há, no entanto, duas autoras que eram ligadas ao Partido Comunista: Elisa Branco e Zélia Amado. Para esta classificação, decidimos manter ambas no grupo das simpatizantes pelo fato de suas entrevistas não se distinguirem das demais, nem explicitarem sua ideologia comunista. Tais exceções servem para demonstrar a linha tênue de uma tipologia que mais serve para facilitar as análises posteriores do que para limitar as permeabilidades possíveis entre os grupos existentes.

O conjunto de entrevistas foi montado com a intenção de combater os exageros da propaganda antissoviética e belicista, que cada vez se tornavam mais recorrentes após o início da Guerra Fria, em 1948, e a guerra da Coreia (1950-1953). No prefácio, Branca Fialho deixa claro que um dos pontos mais importantes da Federação de Mulheres do Brasil é a luta pela paz. Assim, ao final de cada entrevista, sem exceção, há a afirmação de que o povo soviético desejava apenas a paz, e que não há nenhum fator percebido pelas visitantes que levam a acreditar que a URSS estivesse se armando para mais uma guerra.

A maneira como as entrevistadas são apresentadas nessa compilação é interessante. Não sabemos se as entrevistas foram realizadas e escritas por apenas uma pessoa, mas a partir da descrição de cada uma das viajantes, percebemos que, dependendo de seus objetivos na viagem, elas são descritas de maneiras diferentes. Por exemplo: para aquelas que são apresentadas como acompanhantes de seus maridos nas viagens, não há muitos detalhes sobre sua vida profissional ou política, enquanto que para as outras, há. As apresentadas como acompanhantes/esposas de outros viajantes são: Virgínia Modesto de Souza (esposa do Sr. João Modesto de Souza, prefeito de Alegrete), Olga Rechulski (esposa de um dos integrantes da Conferência Econômica de Moscou de 1952 - o nome do marido não é exposto), Edy Duarte Pereira e Heloísa Helena Duarte Pereira (respectivamente, esposa e filha do juiz Osny Duarte Pereira), Cristine Rose Marie (esposa do Juiz de Direito Geraldo Irineu Joffily), Santana Peloia Serrano (esposa do cirurgião dentista Marcelino Serrano), Heloísa Ramos (esposa de Graciliano Ramos), Jovina Pessoa (esposa do cientista Samuel Pessoa) e Zélia Amado (esposa de Jorge Amado).

Além destas, o livro apresenta ainda viajantes caracterizadas por suas profissões, que são: Maria Della Costa (artista brasileira pertencente a um grupo de comediantes), Ofélia do Amaral (professora) e Nair Baptista (jornalista). Outras quatro entrevistas são apresentadas como membros de instituições brasileiras que foram convidadas especiais de organizações soviéticas: Elisa Branco

(convidada a receber em Moscou o “Prêmio Internacional Stálin da Paz”⁴), Fanni Tabak (convidada a representar a Federação das Mulheres do Brasil em uma reunião do Conselho de Representantes da Federação Democrática internacional de Mulheres em Moscou, em novembro de 1949), Branca Fialho (Presidente da Federação das Mulheres do Brasil, convidada como membro do Conselho Mundial da Paz a visitar a URSS) e Helena Boaventura Netto (eleita pela primeira Assembleia Nacional de mulheres realizada no Rio de Janeiro em novembro de 1952 a representar a Federação no Congresso dos Povos pela Paz, realizado em Viena. Após participar do Conselho da Federação Democrática Internacional de Mulheres, também em Viena, foi convidada a conhecer a URSS).

Percebe-se que a maioria das mulheres entrevistadas são descritas como acompanhantes de outros viajantes, ou melhor, são muitas vezes identificadas principalmente pelo nome de seus maridos, o que já denota a distinção de gênero da época. Mesmo Zélia Amado, comunista que já possuía uma história de luta ideológica nesse momento, é descrita especialmente como a esposa de Jorge Amado. Aquelas que escapam desse padrão são por conta de serem reconhecidas pela sua profissão, luta e reconhecimento, ou por ligação com a Federação de Mulheres, como no caso de Branca Fialho e Helena Boaventura Netto. Mas, percebe-se que mesmo no caso de Fialho, há a necessidade de se afirmar que, “acima de tudo”, ela era uma “boa mãe e esposa.”

Apesar de descrições um pouco vagas sobre as entrevistadas, ao analisar as narrativas, formadas por uma mescla de discurso direto e indireto entre entrevistada e entrevistadora, percebe-se que as impressões expostas são extremamente diversas: há comentários sobre a estrutura soviética de transporte, sobre a saúde, educação, direitos trabalhistas, hospitalidade soviética, intérpretes, etc. É ainda possível notar temas sobressalentes como a questão das mulheres, sempre presente, especialmente a respeito da valorização e do maior espaço adquirido no âmbito profissional e a questão da formação e educação de crianças e jovens, a partir da descrição de visitas a creches, bibliotecas, escolas e universidades. Esse tema, contudo, não é específico das viajantes mulheres, sendo muito comentado também por homens viajantes.

Apresentado “os” e “as” simpatizantes à URSS, vamos às suas características principais. A maioria deles viajava inicialmente com o intuito de participar de alguma conferência ou congresso em países como Praga, Alemanha ou Austria. Após estarem nesses eventos é que eram convidados por representantes soviéticos a conhecer a URSS. Por exemplo: Branca Fialho foi convidada para participar do Congresso Internacional do Direito ao Serviço da Paz em Berlim (1951), onde também

⁴ Elisa Branco recebeu o prêmio por estender diante de soldados e oficiais brasileiros uma faixa com os seguintes dizeres: “Os soldados – nossos filhos – não irão para a Coreia.”(FEDERAÇÃO DAS MULHERES DO BRASIL, 1954: 84).

estavam Jurema Finamour, Edi Duarte Pereira e a jovem Heloisa Helena; Raul Ribeiro da Silva, Milton Lobato e Reinaldo Machado participaram do Congresso Internacional de Medicina em Viena (1953); Paschoal Lemme participou da Conferência Mundial dos Educadores, também em Viena, em julho de 1953, antes de se dirigir à URSS. Elisa Branco, que foi convidada a receber o “Prêmio Stálin da Paz”, esteve antes em Viena como delegada do Congresso dos Povos pela Paz, onde também se encontrava Helena Netto.

Embora os relatos sejam bastante semelhantes aos de comunistas, no sentido de elencar principalmente os pontos positivos do que observam, este grupo caracteriza-se por realizar viagens mais curtas: a maioria dos viajantes permaneceu na União Soviética de dez dias a um mês. Apenas os irmãos Freitas Azevedo comentam permanecer no país durante mais de um mês, enquanto que em relatos de alguns autores, como o de Paschoal Lemme, não é possível determinar a quantidade de dias de sua estadia.

Os roteiros realizados pelos simpatizantes (e também pelo grupo dos “não definidos”) parecem também estar mais abertos a se moldarem de acordo com os interesses pessoais de cada viajante do que o de comunistas. A narrativa de Raul Ribeiro da Silva, Milton Lobato e Reinaldo Machado, participantes de uma delegação de médicos brasileiros e argentinos que viajam para a URSS, é marcada pela descrição de diversas visitas em locais relacionados à medicina e à saúde, tal como o Ministério da Saúde Pública de Moscou, a Academia de Ciências Médicas, o Instituto de Educação Sanitária de Moscou, o Instituto de Tuberculose, a Maternidade de Stalingrado, o Instituto de Pediatria em Leningrado, o Instituto de Proteção aos Sindicatos Soviéticos, o Instituto Pavlov, também em Leningrado, dentre outros.

Bem semelhante aos comunistas, os simpatizantes também confiam cegamente nos dados e estatísticas apresentados por seus guias e visitas às diversas instituições. São relatos bastante propagandísticos, contudo, trazem um diferencial: por não serem comunistas (com as exceções de Elisa Branco e Zélia Amado), ou seja, não viajam com o intuito de confirmar algo em que já acreditam ou no que esperam observar, os simpatizantes à URSS são os viajantes que mais demonstram ansiedade e surpresas em suas impressões, pois carregam consigo as representações negativas da URSS marcadas pelas propagandas anticomunistas:

Apenas alguns minutos nos separam da “Cortina de Ferro.” Uma nova sensação me domina. Sou um homem superlotado de preconceitos contra aquilo tudo que fica do outro lado, contra aquela gente acusada de tanta coisa, de espancar e prender os padres – que afinal, mesmo sendo padres, são de carne e osso como todos nós – e ainda descuidar das crianças, desprezar a velhice, sacrificar a mocidade. (GUIMARÃES, 2001:48)

Frequentemente simpatizantes comentam que não esperavam encontrar tamanho desenvolvimento na sociedade russa, haja vista que não era o que liam nos jornais do país. Jurema Finamour relata que ficou profundamente abalada ao conhecer uma “Casa de Cultura” em Leningrado, pois “jamais poderia imaginar que a vida do operário na União Soviética estivesse de tal forma organizada e amparada pelo regime” (FINAMOUR, 1954:12-13).

Os simpatizantes à URSS foram os mais afetados de maneira positiva pela hospitalidade e roteiros soviéticos. Nesse caso, podemos afirmar que muitos deles tornaram-se de fato simpatizantes e deslumbrados com a URSS por conta do que vivenciaram em suas viagens. Por apresentar uma realidade escura e pessimista do regime soviético, a propaganda anticomunista nos principais jornais do país também contribuía para esse choque, pois já deixava muitos dos viajantes esperando encontrar o pior dos mundos. Os simpatizantes à URSS são também otimistas em relação ao futuro soviético. Procuram, na maioria das vezes, asseverar e construir um discurso de que a União Soviética é a favor da paz, e não da guerra. Além disso, é também comum que os problemas sociais encontrados sejam remetidos pelos simpatizantes às consequências do passado soviético:

Não avistei nenhum bicho de sete-cabeças. A União Soviética é um país como outro qualquer, cheio de altos e baixos, com a diferença de que, na Rússia, todos trabalham e há uma preocupação geral pelo desenvolvimento da cultura. O povo, que sofreu até 1917, quando vivia desgraçadamente, sem saber lê e escrever, com fome, embora o Kremlin vivesse inundado de ouro e com dez igrejas superlotadas de santos e padres, está bem nutrido, tranquilo e mais feliz do que na era czarista. (MOREL, 1952:189)

Por não serem ligados ao partido comunista, os viajantes simpatizantes não se preocupam tanto em afirmar uma possível imparcialidade perante o que observam. Apesar disso, é notório observar um objetivo comum a ambos os grupos, comunistas e simpatizantes: inspirar a sociedade brasileira com os bons exemplos observados na URSS, como também restabelecer a paz e os laços diplomáticos com o país, como bem observa o educador Paschoal Lemme, simpatizante socialista:

O Brasil, com problemas imensos ainda por resolver, em matéria de educação e ensino, não pode mais ignorar as experiências e realizações dos educadores e pesquisadores soviéticos. É necessário, pois, que sejam restabelecidas, com a maior brevidade possível, as relações entre os dois países, pois o povo brasileiro não deve por mais tempo ser privado dos benefícios que essas relações lhe podem proporcionar, quer do ponto de vista econômico, quer do ponto de vista cultural. (LEMME, 1955: 13)

Os viajantes anticomunistas

Sendo o grupo de anticomunistas formado por cinco autores, é, possivelmente, aquele que mais apresenta semelhanças entre os relatos, a começar pela profissão e função de quatro dos viajantes: eram jornalistas, e divulgaram posteriormente suas impressões sobre a URSS em periódicos brasileiros. A exceção é John Cotrim. Engenheiro que se autodetermina brasileiro (embora nascido em Manchester, na Inglaterra), Presidente da Central Elétrica de Furnas, viajou em uma delegação de engenheiros brasileiros pela Rússia para participar do encontro anual da Comissão Internacional de Grandes Barragens em Moscou, em 1962.

O restante das narrativas se formou por meio de compilações de reportagens já publicadas por seus autores. São eles: Orlando Loureiro (jornalista do Rio Grande do Sul), Rubens do Amaral (escritor e jornalista, foi também eleito deputado estadual em São Paulo, posteriormente vereador da cidade de São Paulo pela UDN), Francisco da Silveira Bueno (cronista, jornalista e filólogo, redator de vários jornais e colaborador de órgãos da imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo) e Manuel Francisco do Nascimento Brito (diretor do “Jornal do Brasil” de 1949 a 2000).

Os motivos de suas viagens são diversificados: Rubens do Amaral foi convidado para participar da Conferência Econômica Internacional de Moscou, de 3 a 12 de abril de 1952, permanecendo na URSS por apenas oito dias. Já Orlando Loureiro recebeu, de maneira inusitada, o convite para participar da delegação brasileira para Moscou enquanto fazia parte do Congresso de Paz em Viena, em dezembro de 1952. Ele foi o que permaneceu na URSS por mais tempo, durante dois meses, e fez parte da mesma delegação de Elisa Branco e Jorge Amado, ambos premiados com o “Prêmio Stalin da Paz.” Silveira Bueno é o único do grupo que vai apenas como turista político, participante de uma excursão da Generalcar de Bruxelas, permanecendo na URSS por 18 dias, e, segundo ele, sem ser a convite da Rússia, para já não estar “prevacinado com sôro vermelho” (BUENO, 1961:17). Por último, Nascimento Brito não esboça muitos detalhes sobre o motivo de ir à União Soviética, mas informa que permaneceu por lá apenas por sete dias, visitou as cidades de Moscou e Leningrado, procurando tentar escapar do roteiro fixado pela Intourist. Com a exceção de Orlando Loureiro, portanto, esse grupo caracteriza-se por viagens curtas.

Ao contrário do que se pode imaginar, apenas Rubens do Amaral declara-se abertamente anticomunista, afirmando ser o comunismo a religião da miséria e do desespero. (AMARAL, 1952: 130). Todos os outros não chegam a se afirmar categoricamente como anticomunistas, mas deixam em suas impressões explícitos comentários contra o comunismo, socialismo e o regime soviético. A partir dessas observações, foi perceptível inferir que tais viajantes já carregavam imagens negativas da URSS, mesmo antes de conhecê-la. Uma característica comum entre os anticomunistas é que eles não distinguem socialismo de comunismo: para eles, são sinônimos de um mesmo

sistema, fadado a falhar. Ao final dos relatos, todos concluem que o regime comunista falhou, não devendo ser implantado pelo resto do mundo.

É interessante observar que, assim como os comunistas, esse grupo destaca-se por uma tentativa inicial de convencer os leitores da sua visão imparcial sobre o regime. Mesmo Amaral, único anticomunista declarado, procura defender sua imparcialidade:

Se os fatos depõem a favor ou depõem contra a União Soviética, eu os registro do mesmo modo, sem preconceitos, deturpações ou falsidades. Se as opiniões louvam ou condenam, em qualquer caso inspira-as o espírito de justiça, que pode falhar, mas falha de boa fé. (AMARAL, 1952:05)

Nascimento Brito informa que, por oito meses que precederam a viagem, empenhou-se em sistematizar o conhecimento sobre a URSS em diversos livros e estudos econômicos, para que conseguisse “ver com os olhos críticos quase meio século de regime comunista” (BRITO, 1963:3). Já Loureiro, embora afirme na introdução que poderia aborrecer os partidários de Moscou, advertindo que o livro não é recomendado como leitura apropriada para os “arlequins do comunismo autóctone” (LOUREIRO, 1954:X), no capítulo intitulado “Na porta do ‘paraíso’”, ao descrever a entrada na URSS, procura se redimir:

Fiz um ato de consciência para deixar do lado de cá da fronteira todas as impressões favoráveis ou contrárias ao regime soviético, que me tivessem sido transferidas por leituras. Precisava me colocar diante da U.R.S.S. como um observador imparcial e desapaixonado dos fatos e problemas do nosso tempo, sem prevenções de espécie alguma. (LOUREIRO, 1954:54-55)

Outra semelhança entre os relatos anticomunistas e algo que os diferencia dos grupos até aqui então expostos, contribuindo para a impressão de que, na verdade, são dois mundos diferentes visitados, é que todos eles expressam sua indignação com a falta de liberdade de expressão do povo soviético. Como jornalistas, criticam o fato de as notícias serem apenas aquelas oficiais do governo. Loureiro explicita que há apenas uma imprensa na URSS, a imprensa oficial:

Todos os jornais, direta ou indiretamente, estão nas mãos do próprio govêrno. Oficialmente, o Pravda é o jornal do Partido Comunista e o Izvestia é o órgão do govêrno russo, porém, todos os demais jornais soviéticos estão rigorosamente subordinados a êsses dois diários-líderes da imprensa comunista e refletem invariavelmente a mesma opinião oficial, com tão impressionando uniformidade que os próprios noticiários dão a ideia de “comunicados oficiais”. (LOUREIRO, 1954:94)

Brito completa afirmando que “na URSS só se faz oposição aos mortos” (BRITO, 1963:07). O autor argumenta que todas as matérias são manipuladas, dirigidas, controladas e distribuídas pelo *Pravda* e pelo *Izvestia*.

Ao contrário do que se possa imaginar, os relatos anticomunistas também apontam aspectos positivos na União Soviética. Todas as narrativas aqui trabalhadas elogiam o sistema educacional soviético, embora com ressalvas. Brito reconhece a qualidade do ensino universitário e o compara com “a frágil e infeliz” Universidade do Brasil (BRITO, 1963:8). Bueno, contudo, embora aprecie e descreva positivamente diversos aspectos da Universidade de Moscou, ressalta que as pesquisas científicas não têm liberdade e devem seguir os planos do partido. De qualquer maneira, afirma que a alfabetização, o ensino primário e secundário soviético, todos gratuitos e obrigatórios, “constituem um dos pontos altos e dignos de louvores da União Soviética” (BUENO, 1961:95-96).

Rubens do Amaral é o único viajante que aponta desconfianças sobre a informação da erradicação do analfabetismo na URSS:

A URSS proclama que não há mais, no seu império, analfabetismo. Acredito que essa seja a verdade no que toca à porção europeia, que encerra 75% da população soviética. Assim também nas parcelas mais densamente povoadas na Sibéria, dos Urais ao Pacífico. Não sei, porém, se o mestre-escola já penetrou as regiões mais longínquas, mais inacessíveis e bárbaras da Ásia, até as fronteiras da Pérsia, do Afeganistão e da China. (AMARAL, 1952:24)

A questão da qualidade da educação soviética é comentada por todos os grupos de viajantes. Contudo, ao contrário dos comunistas e simpatizantes, e mesmo dos não definidos, o grupo anticomunista praticamente não faz comparações com a educação brasileira, uma vez que esta poderia contribuir para exaltar a superioridade soviética perante o Brasil. Nos relatos anticomunistas, são bem poucas as vezes em que procuram denunciar algum problema social brasileiro a partir do que observam na União Soviética. Afinal, apontar problemas da própria sociedade significaria vangloriar a sociedade observada.

Os viajantes “não definidos”

Os nove viajantes considerados “não definidos” não são aqueles que conseguem atingir uma imparcialidade, despidos de qualquer tipo de ideologia. Os autores pertencentes a esse grupo apresentam, de uma forma mais equilibrada do que os outros grupos, tanto elogios como também críticas à sociedade soviética, de tal maneira que seria arriscado classificá-los como mais penderes para um lado ou para o outro. Em algumas narrativas, os próprios autores procuram fugir de tais classificações, deixando claro que seus relatos não foram feitos para agradar ou propagandear

nenhuma das concepções existentes sobre a URSS. Osny Pereira, juiz do Rio de Janeiro, explicita a ideia:

[...] sem omitir nada do que observei, estou certo de que irei desagradar aos capitalistas estrangeiros e aos comunistas brasileiros. Para aqueles, elogiar obras da União Soviética é confissão de fé comunista. Para estes, apontar as falhas passíveis de censura é ato inconcebível; nunca partiu de suas vozes palavra de recriminação e sempre foram intransigentemente endeusadores do que, para êles, está invariavelmente certo e perfeito. Ora, não me ative a idéias preconcebidas.[...] Nunca tive em mira fazer alguma coisa, com o intuito de apenas ampliar a rêde de amigos, transigindo com a Verdade ou a Justiça. Norteou-me, puramente, a intenção de descrever o que se passou diante de nossos olhos e realizar um trabalho útil aos enganados, em boa-fé. (PEREIRA, 1952:27-28)

É possível observar uma maior irritação em tais viajantes a respeito da maneira como foram recepcionados pela imprensa brasileira. Dentro do contexto da Guerra Fria, suas palestras e entrevistas foram, muitas vezes, utilizadas para defender ou hostilizar a União Soviética. Alguns viajantes já demonstram ter essa consciência quando chegam ao Brasil. José Campos, juiz de Goiás, optou por silenciar perante a imprensa: “Asseveramos-lhe, ainda, que a nossa imprensa estava dividida em dois extremos inconciliáveis e o nosso pensamento, por isso mesmo, não seria interpretado fielmente. Daí porque preferíamos ficar calados” (CAMPOS, 1953:14).

Por não serem ligados a movimentos comunistas, a maioria das viagens tem como motivo a participação em eventos fora da URSS, com a exceção de Francisco Peixoto e João Pinheiro Neto, que não explicitam o motivo de suas viagens, e José Campos, convidado a participar da Conferência Econômica Internacional de Moscou (1952), juntamente com Rubens do Amaral, José Edmar Morel e Josué Guimarães. Os demais, estiveram em eventos anteriores às suas entradas na URSS: Osny Pereira foi componente da Delegação Brasileira de Juristas no Congresso de Berlim (1951). Marques Rebêlo, escritor e cronista, esteve na reunião do Conselho Mundial da Paz, em Estocolmo (1954), e só então se dirigiu à URSS para participar do Segundo Congresso de Escritores Soviéticos, em Moscou. José Guilherme Mendes, jornalista, foi convidado para participar da Feira Internacional de Poznan, na Polônia. Freitas Nobre se dirigiu à URSS após participar do Encontro Internacional de Jornalistas em Helsinque, na Finlândia. Flávio Costa recebeu o convite para visitar a URSS enquanto estava no Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, em Varsóvia (1957). Por último, Nestor de Holanda participou do Congresso da Cultura Socialista em Praga, em 1959.

O tempo das viagens caracteriza-se por não ser muito curto, mas é diverso, com duração de dez dias a dois meses. Esse grupo de viajantes apresenta uma maior cautela em suas impressões e observações a respeito da sociedade soviética. Mesmo tendo permanecido 25 dias na URSS na

qualidade de secretário de uma revista de arquitetura brasileira, José Guilherme Mendes afirma que não foi tempo bastante longo para se tirarem conclusões a respeito da URSS, já que não conseguiu fazer observações mais aprofundadas da situação:

Se alguma conclusão deve ser tirada, tire-a o leitor. Ao jornalista não foi pouco poder experimentar as sensações que experimentou no simples e contudo surpreendente mundo comunista. Êle se considerará feliz se conseguir transmitir essas sensações ao leitor. (MENDES, 1956:4)

Osny Pereira, tendo permanecido dois meses na URSS, também demonstra certo zelo em seus apontamentos. Ele é um dos poucos viajantes que, quando convidado por parte da agência soviética Tass, não aceitou fazer declarações nos meios de comunicação soviéticos, tendo como justificativa sua condição de magistrado, sendo recomendável abstenção de comentários emitidos por órgãos oficiais de publicidade de uma nação comunista. Ele ressalta, porém, que nem por isso deixou de ser bem tratado por seus anfitriões (PEREIRA, 1952:275). Da mesma maneira, também desconfia de informações feitas em tão pouco tempo de viagem, inclusive daquelas fornecidas pelos informes oficiais soviéticos:

O visitante que passa poucas semanas em um país, não pode seguramente informar se há analfabetos, se o nível geral de cultura é elevado. Tudo o que disser há de resultar de informes oficiais ou de conversas com adversários do govêrno, se quiser duvidar daqueles esclarecimentos. Ora, as informações oficiais afirmam que não há analfabetos na União Soviética e não encontramos, em tôda a viagem, nenhum indício de que sejam falsas, pois, além de tudo, não palestramos nunca com pessoas descontentes, que certamente deverão existir neste, como em qualquer regime. (PEREIRA, 1952:339)

A narrativa de José Mendes exemplifica bem como um relato pode ser pautado em elogios e críticas à URSS. Faz elogios à educação soviética, ao desejo de paz soviético, e até mesmo a ausência de notícias sensacionalistas nos jornais *Pravda* e *Izvestia*. Ao mesmo tempo, faz críticas às enormes filas em frente aos armazéns e açougues - o que para ele denota uma falta de distribuição equilibrada de artigos de consumo - desmente a opinião de que a televisão e o cinema soviético estariam vinte anos mais avançados tecnicamente do que o resto do mundo, criticando o conforto e a modernidade das salas de espetáculos. Ao final de sua viagem, Mendes conclui dizendo ser a URSS uma terra de contradições:

A União Soviética é a terra das contradições. Tudo e todos contribuem para que assim seja. Um comunista sectário diz que na União Soviética não há pobreza, não há tristeza, não há nada feio – tudo é bom e bonito. Um anticomunista feroz jura que na União Soviética tudo é miséria, tristeza, horror e ruindade. É muito difícil, assim, fazer-se um juízo definitivo do que seja realmente aquêle imenso país, sem o visitar. (MENDES, 1956:12)

A partir do momento em que se surpreendem com muitos aspectos positivos e bem consolidados na URSS, outra característica constante desse grupo é que seus participantes não se eximem de criticar os exageros da propaganda anticomunista nos países ocidentais e seus verdadeiros motivos:

Muito pior, ainda, é a mentira. 95% do que dizem, de bem ou de mal, sobre a URSS, são mentiras as mais escabrosas. A propaganda anticomunista não é feita à base de argumentações lógicas, claras, doutrinárias; é feita, unicamente, de balelas. Qualquer um que se queira arrumar na vida cria estórias contra o povo ou contra o regime soviético, publica reportagens, ganha o que quer. Os países do lado de cá estão abarrotados de profissionais do anticomunismo. Êsses homens são pagos, para inventar, para mentir. (HOLANDA, 1962:38)

A União Soviética, vista de dentro, tem cores muito menos sombrias do que ingenuamente acreditamos, seja porque, lá, estamos livres da pressão da propaganda deformadora aludida, seja porque a própria singeleza da vida cotidiana, sem máscaras e sem disfarces, valha bem mais como argumento do que tudo o que se diz sobre aquela terra e aquela gente, como teremos oportunidade de verificar no decorrer deste livro. (COSTA, 1958:182)

A falta de total compromisso propagandístico permitiu que Marques Rebêlo se sentisse livre para satirizar ambos os lados comunista e anticomunista, criando o relato que mais se utiliza de elementos ficcionais desta compilação. Basta lembrar que os nomes dos guias e intérpretes de Rebêlo em Moscou são alusões a nomes diabólicos: Demon Satanov, Belzebuv Capetovich e Lucifer Ilitch Diabonov. Como forma de criticar os absurdos da propaganda anticomunista no Brasil, Rebêlo descreve uma conversa com Lucifer em que ele afirma que o Brasil já está minado para ser conquistado pelo mundo comunista:

Que pensa que seja a Cruzada Anti-Comunista que existe lá, senão uma fábrica de comunistas com a sua imbecilíssima propaganda? Paga por Moscou, amigo. Sustentada por nós. Que pensa que sejam os campos e os camponeses abandonados? Ação nossa, através de falsos latifundiários. E o Ministério da Educação, que mantém seu povo no mais negro analfabetismo? Um agente moscovita. E...

– Pare, Lucifer! Pare! Compreendo tudo! (REBÊLO, 1956:307)

Rebêlo sugere, por meio da confissão de Lúçifer, que a cruzada anti-comunista no Brasil, os campos e os camponeses abandonados, a precária educação, são, na verdade, exemplos de produção de uma fábrica de comunistas com a “sua imbecilíssima propaganda”, paga por Moscou. Isto é, a situação no Brasil é tão ruim e as propagandas anticomunistas são tão absurdas que só

podem ter sido realizadas pelos próprios comunistas, com o intuito de levar a burguesia brasileira – representante do capitalismo - ao descrédito da população.

Mendes traz uma conclusão em seu relato que possivelmente agradaria a todos desse grupo. Ao lembrar de Graciliano Ramos dizendo-lhe, ao voltar da União Soviética, que gostaria de escrever um livro mostrando que lá não era nem paraíso, nem inferno, pois não existe paraíso nem inferno, Mendes conclui afirmando que as próprias contradições da sociedade soviética mostram-na o que ela realmente é: humana. “Uma gente que luta, sonha, sofre e sorri – sem a menor dúvida, um grande e bravo povo” (MENDES, 1956:82).

Por fim, é importante ressaltar que os relatos de Freitas Nobre e João Pinheiro Neto, embora também classificados como não definidos, não trazem tantas semelhanças com as narrativas apresentadas até então. Ambos distinguem-se por apresentarem a URSS por outro viés: eles enaltecem a sociedade “soviética pós-stalinista.” Por serem relatos pós-1956, seus autores enfatizam as possíveis transformações na URSS e suas consequências para as relações com o Brasil. Tais narrativas levantam diversas críticas à URSS da época de Stalin, ao mesmo tempo em que percebem com bons olhos as transformações na sociedade soviética ao final da década de 1950. O relato de Nobre distingue-se também por apresentar diversos pronunciamentos dos líderes soviéticos vigentes na época, como Nikita Khrushchev e Georgiy Malenkov. É o primeiro relato a comentar as denúncias de Khrushchev a Stalin divulgadas no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética em fevereiro de 1956.

Já Pinheiro Neto, como oficial do gabinete civil do Governo de Juscelino Kubtcheck, tendo inclusive o prefácio assinado pelo presidente, procura defender uma nova tendência de “humanização do comunismo”:

As medidas ainda tênues de “liberalização” do regime representam, para o povo soviético, acostumado a outros valores e a um clima de vida muito duro, grandes transformações. O direito de crítica nunca se exercera anteriormente. A fiscalização era violenta e não se admitia nenhuma exceção. (NETO, 1961:35)

Neto informa sobre a descentralização política e administrativa que ocorreu na época pós-Stalin, defendendo que Khrushchev não exercia o poder sozinho, por dar espaço ao comitê central. Em relação a isso, Nobre afirma existir um novo movimento de líderes soviéticos contra o culto da personalidade, tanto usado com Stalin. No seu entender, o movimento contra Stalin não tinha caráter pessoal ou de vingança às perseguições do passado, representavam uma preocupação dos ministros atuais de que as dificuldades pelas quais a URSS passava contribuíssem para formar outro líder

como Stálin, voltando a concentrar todos os poderes nas mãos de um único ministro, em detrimento dos demais. (NOBRE,1956:62)

Desta maneira, percebe-se nesses relatos a influência de um contexto diferente, um contexto brasileiro que passa a buscar contatos comerciais e acordos com a URSS, algo que foi consolidado em 1961, quando o governo de João Goulart reatou os laços diplomáticos com a URSS.

Fontes Bibliográficas:

- ALAMBERT, Zuleika. *Uma jovem brasileira na União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.
- AMADO, Jorge. *O Mundo da Paz: União Soviética e democracias populares*. Rio de Janeiro: Vitória, 1951.
- AMARAL, Rubens do. *União Soviética- Inferno ou Paraíso?* São Paulo: Martins Editora, 1952.
- AZEVEDO, Irmãos Freitas. *Cartas de dois mundos*. Rio de Janeiro: Vitória, [1960?].
- BRITO, Manuel F. do Nascimento. *Um jornalista brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Record, 1963.
- _____. *Depoimento sobre a União Soviética*. Rio de Janeiro: Ipanema, 1963.
- CAMPELO, Humberto Alves. *Um marítimo brasileiro na União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.
- CAMPOS, José. *Um brasileiro na União Soviética*. São Paulo: Martins, 1953.
- COSTA, Flávio. *Além das torres do Kremlin: do Brasil à China*. Salvador: Livraria Progresso, 1958.
- COTRIM, John R. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1962.
- FEDERAÇÃO DAS MULHERES DO BRASIL. *Atravessando as fronteiras da URSS: entrevistas*. Rio de Janeiro: Vitória, 1954.
- FIALHO, Branca. *Viagem à União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1952.
- FINAMOUR, Jurema Yari. *4 semanas na União Soviética*. Rio, Ed. Contemporâneas, 1954.
- GUIMARÃES, Josué. *As Muralhas de Jericó: Memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- HOLANDA, Nestor de. *O mundo vermelho e notas de um repórter na URSS*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Pongetti, 1962.
- _____. *Diálogo Brasil – URSS*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- LEMME, Paschoal. *A Educação na U.R.S.S. – 1953*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.
- LOBATO, Milton e MACHADO, Reinaldo. *Médicos brasileiros na URSS: impressões de viagem ao lendário país que muda dia a dia desde 1949*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.
- LOUREIRO, Orlando. *A sombra do Kremlin*. Porto Alegre: Globo, 1952.
- MARTORELLI, Victorio. *No país dos sputniks: reportagens*. São Paulo: Brasiliense, 1958.
- MELLO, Olympio Fernandes. *25 dias na URSS*. Rio de Janeiro: Vitória, 1954.
- MENDES, José Guilherme. *Moscou, Varsóvia, Berlim*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

- MORAES, Eneida Costa de. *Caminhos da terra: URSS, Tchecoslováquia, China*. Rio de Janeiro: Antunes, 1959.
- MORAES, Denis. *O Velho Graça: Uma Biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- MOREL, José Edmar de Oliveira. *Moscou, ida e volta*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.
- NOBRE, José de Freitas. *Visão atual da Rússia: observações de um jornalista brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1957.
- PEIXOTO, Francisco Inácio. *Passaporte Proibido*. Rio de Janeiro: Organizações Simões Editôra, 1960.
- PEREIRA, Orny Duarte. *Juízes brasileiros atrás da cortina de ferro*. Rio de Janeiro: José Konfino, 1952.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. *Caio Prado Junior: Uma Bibliografia Política*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- PINHEIRO NETO, João. *URSS: a grande advertência*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1961.
- PRADO Junior, Caio. *O Mundo do Socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- RAMOS, Graciliano. *Viagem: Checoslováquia, URSS*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- REBÊLO, Marques. *Cortina de Ferro*. São Paulo: Ed. Martins, 1956.
- SILVA, Raul Ribeiro da. *A Rússia vista por um médico brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: [1953?].
- SILVEIRA BUENO. *Visões da Rússia e do mundo comunista*. São Paulo: Saraiva, 1961.
- STOIANO, Constantino et alii. *Operários paulistas na União Soviética: notas e impressões de viagem de membros da delegação de 15 trabalhadores brasileiros convidados pelo Conselho Central Sindical da URSS para participar das celebrações do 1º de maio de 1952 em Moscou*. São Paulo: Fundamentos, 1952.